



O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



Um antigo hino católico diz: "com minha Mãe estarei, na Santa Glória um dia, junto à Virgem Maria, no Céu triunfarei".

Sim, o Céu é a nossa meta, para a felicidade eterna fomos criados, mas o céu é dos corajosos, é dos valentes que não têm medo de pisar em cima de seu respeito humano, que têm a coragem de praticar a Religião Católica contra quaisquer adversidades e é dos filhos e devotos da Santíssima Virgem.

Sim, já disse um grande santo, São Luiz de Montfort que a devoção a Maria Santíssima é um sinal de predestinação.

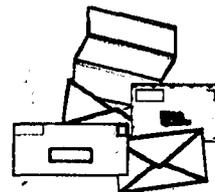
Portanto se quisermos ir para o céu sejamos devotos de tão Boa Mãe.

Mas, ainda que não houvesse céu deveríamos honrá-la, servi-la e amá-la. Quanto mais isso fizermos sempre será pouco.

Façamos tudo o que pudermos para servir Nossa Senhora. Rezemos a Ela, propaguemos sua Devoção, cantemos as suas glórias. Sejamos seus filhos de verdade.

E um dia no Céu com Ela estaremos e com Ela triunfaremos por toda a eternidade.

Escrevem os Leitores



"Parabenizo a esta equipe cheia da Graça de Deus, que faz deste "pequeno manuscrito" uma arma poderosa a favor da verdadeira Vida Eterna.

Conheci "O Desbravador" através de um amigo que o recebe bimestralmente. Após minhas primeiras leituras de "O Desbravador", fiquei admirado com tanta simplicidade e amor pelo qual é transmitido tamanha preciosidade.

Ainda não fiz minha contribuição; mas pretendo fazê-la o mais rápido possível. Gostaria também de receber bimestralmente os exemplares de "O Desbravador".

Que Nossa Senhora abençoe a esta equipe maravilhosa e a santifique para que nunca deixem de realizar este trabalho de "Evangelização" à distância!!".

WOLGUINEI FERREIRA SANTIAGO
NERÓPOLIS - GO

"Estou contribuindo mensalmente com "O Desbravador". Gostaria que os senhores enviassem esse jornal para algumas amigas que gostaram muito e se comprometeram a ajudar continuamente esta obra maravilhosa.

Envio-lhes o endereço para que possam enviar "O Desbravador".

YURI ALMEIDA SANTANA
ANÁPOLIS - GO

"Recebi uma cópia deste boletim católico e gostei bastante. Gostaria de passar a recebê-lo diretamente em minha casa."

SILMARA ARAÚJO MELO
SÃO PAULO - SP

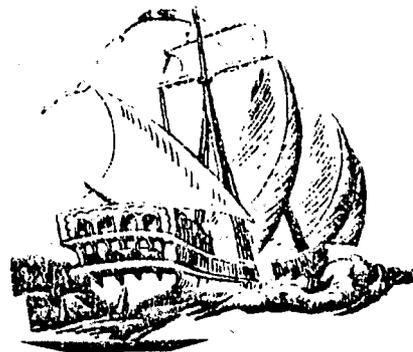
"Primeiramente gostaria de parabenizá-los pela elaboração de uma revista verdadeiramente cristã, que expõe as verdades da fé através de artigos maravilhosos e edificantes."

ELISANGELA SALOMON CARREIRO
SÃO PAULO - SP

"Por intermédio de uma pessoa amiga, fiquei conhecendo esta revista. Gostei muito. Ela possui uma linguagem simples mas muito instrutiva e ao alcance de todos.

Como sou professora, gostaria de recebê-la no meu endereço, pois quero aproveitá-la em minhas aulas."

LUZIA APARECIDA S.ZANON
CAMPOS - RJ



O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO
"SANTA MARIA"

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059 - 970 SÃO PAULO SP
e-mail - odesbravador@uol.com.br

Editorial

Já disse alguém que é impossível que um verdadeiro devoto de Nossa Senhora se perca. Sim, impossível.

E, sendo assim, qual deve ser nossa missão? Ensinar as pessoas a amar a Maria Santíssima, propagar sua devoção, falar de suas glórias, contar a sua misericórdia e a tempo e contra-tempo falar de suas maravilhas, dissertar sobre suas virtudes. Nada nos alegra tanto como fazer algo para que os homens A amem. Nada nos enche tanto de consolação como falar de sua maternal bondade para com os pobres pecadores.

E, de tantas cartas que recebemos de estímulo e conforto, o título que mais nos alegrou e plenificou o coração foi aquele de "Jornal Mariano" que disseram de "O Desbravador".

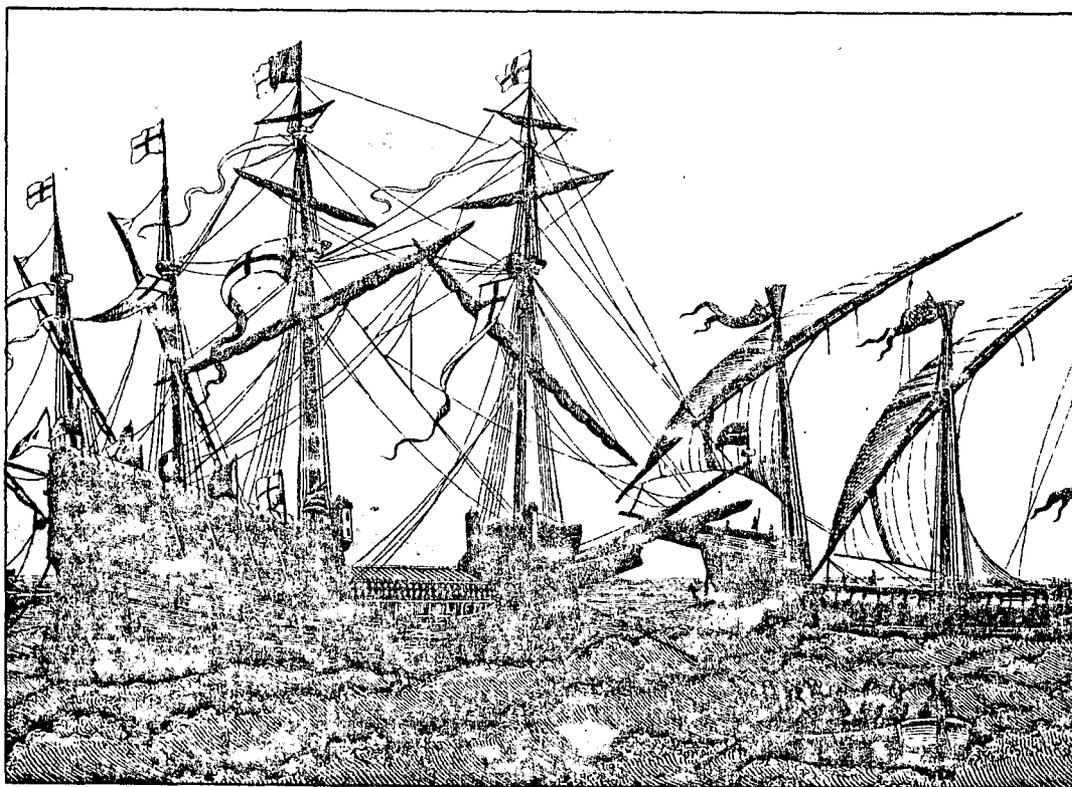
Foi bondade e gentileza de quem falou, mas o título animador e confortante nos encheu o coração de alegria. "Jornal Mariano". Que seja assim. Não queremos outra coisa senão servir a Maria Santíssima. Cantar seus louvores, espalhar sua devoção!

Falar dEla nos alegra. Propagar sua devoção nos consola. Fazer algo para torná-IA amada é tudo o que queremos.

Que sejamos todos seus devotos, que todos lutemos e trabalhemos por Ela é o que esperamos.

Sem nada para nós, sem nada lucrar, sem esperar nada a não ser que Maria Imaculada, Nossa Mãe, seja conhecida, amada, honrada e servida pelos homens, para que então Nosso Senhor Jesus Cristo tenha o seu triunfo pois quanto mais Ela for conhecida e amada, mais Ele será servido e glorificado pelos homens.

**A Jesus, por Maria.
Tudo para Jesus, nada sem Maria.
Viva Jesus, nossa Vida.
Viva Maria, nossa Esperança.**



"NINGUÉM, MESMO QUE ESTIVESSE ISENTO DE PECADO, SE DEVERIA EXPOR A SAIR DESTA VIDA SEM PENITÊNCIA"

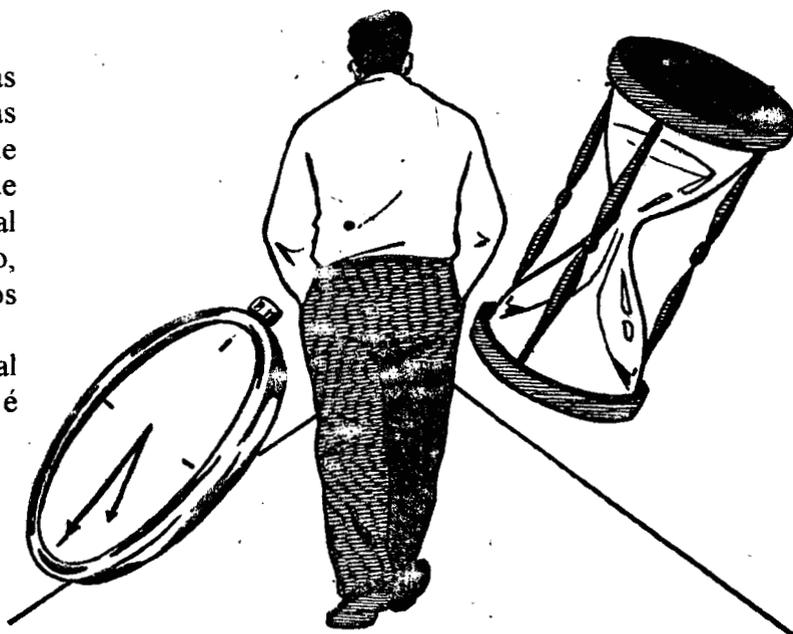
(Santo Agostinho)

O TEMPO PASSA

Em tempos não tão distantes, nas narrativas esportivas, dizia-se durante as transmissões: "o tempo passa", num ar de caminho para um grande final. Final este que teria um vencedor e um perdedor. Mas, um final que nem sempre acabava com a competição, pois havia outras partidas, e havia outros campeonatos.

Mas, existe uma competição para a qual não há outra partida, para a qual o fim é inevitável.

É a vida.



Sim, só temos uma chance, só temos uma oportunidade para vencer e alcançar o céu e fugir do inferno.

E a vida é curta. O que são 50, 60, 80 anos perto da eternidade? Quantos que viveram bastante já se foram. Somente sairá vitorioso quem morrer na graça de Deus. Somente triunfará quem não morrer em pecado mortal.

Um só pecado mortal basta para nos condenar às penas eternas do inferno.

O que fazer então? Viver longe do pecado, viver na graça de Deus e, se tiver a desgraça de cometer um pecado mortal, confessar, e bem, a um padre com arrependimento e propósito de não mais pecar.

Para não mais cair, rezar, rezar sempre, rezar muito a Nossa Senhora. Rezar o terço diariamente. Frequentar os sacramentos, fugir das ocasiões de pecado.

Em suma, vigiar e orar para não cair em tentação como nos disse Nosso Senhor.

Repetimos, essa partida é única e decisiva. Ela decide a eternidade. Ela decide a nossa salvação e ela termina na hora menos esperada.

Não arrisquemos, não desperdicemos a chance, o tempo passa.



O TEMPO PASSA. A MORTE VEM.
A ETERNIDADE SE APROXIMA.
IREMOS PARA O INFERNO SE
MORRERMOS COM UM SÓ PECADO
MORTAL

RIPAX
Premium
Quality
Paper **Laser 75**

Imprimimos
com

BELOS FATOS NA VIDA DE UM JOVEM SANTO

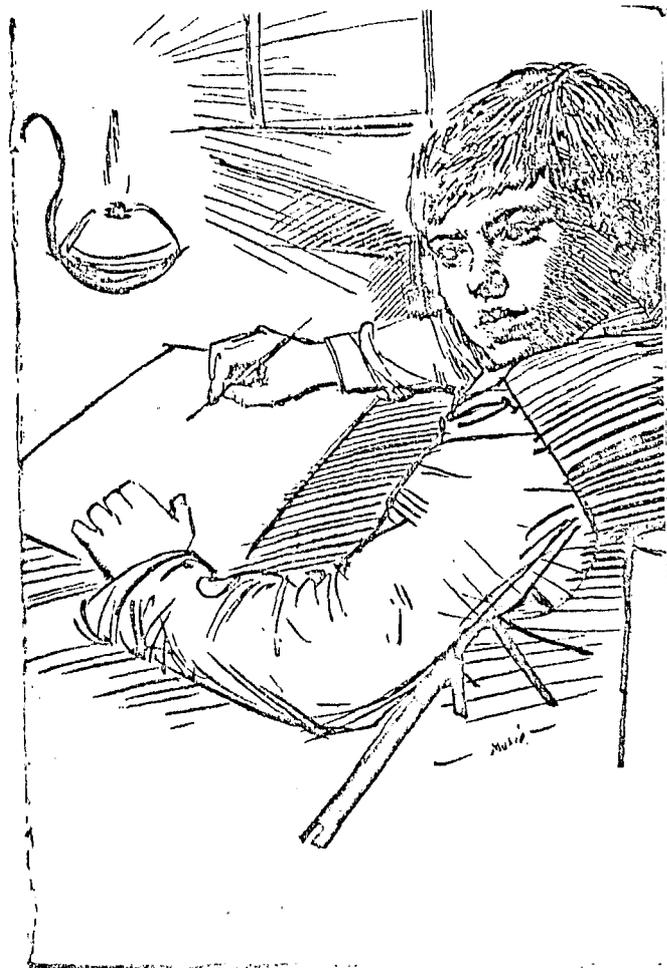
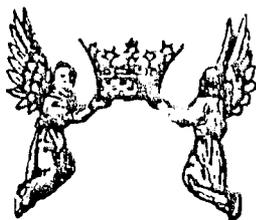
Apresentamos aqui alguns episódios na vida de São Domingos Sávio, narrados por seu mestre São João Bosco.

Curiosos incidentes

Domingos tinha principiado a estudar latim em Mondônio; e por isso, graças à sua grande assiduidade no estudo e ao seu invulgar talento, passou logo para a quarta classe. Fez este curso com o piedoso e caritativo professor José Bonzanino.

Cumpria que eu expusesse, nessa altura, o procedimento, o aproveitamento e as maneiras corretas e exemplares de Domingos Sávio, com as próprias palavras dos seus professores. No entanto, só descreverei alguns fatos que, nesse ano da latinidade e nos dois seguintes, foram notados com particular admiração pelos que o conheceram.

O professor Bonzanino asseverou muitas vezes que não se lembrava de haver tido aluno mais atento, mais dócil, mais respeitador! Era um verdadeiro modelo em tudo. No vestuário e no cabelo nada tinha de afetado; e, no entanto, com a sua modéstia no vestir, apesar da sua humilde condição, apresentava-se sempre limpo, bem educado, cortês, de tal forma que, mesmo os companheiros de condição média e até os da nobreza, que em grande número freqüentavam a escola, tinham prazer em falar com ele, não só por via do seu saber e piedade, mas, principalmente, pelas suas maneiras e trato. E se o professor tinha, por vezes, de lidar com alunos traquinas e inquietos, colocava-os ao lado de Domingos, que se incumbia de os chamar a melhores sentimentos, levando-os a estudar e a cumprir os seus deveres.



É justamente no decorrer deste ano que a vida de Domingos nos oferece um fato, que classificarei de heróico, e que parece incrível em tão tenra idade. Trata-se de uma bulha entre dois dos seus companheiros, que se desavieram à custa de palavras ditas reciprocamente em desdouro das respectivas famílias. Depois de algumas palavras desabridas e insultantes, desafiaram-se para um duelo à pedrada.

Domingos soube desse intento, mas como impedi-lo, sendo os dois rivais maiores e mais fortes do que ele? Tentou persuadi-los a desistirem de semelhante propósito, mostrando-lhes que a vingança era contrária à razão e à santa lei de Deus. Escreveu cartas a um e a outro; ameaçou-os de participar o caso aos professores e até aos pais, mas tudo foi em vão. Os ânimos estavam tão excitados, que era inútil qualquer conselho. Além do perigo de se magoarem gravemente, havia outro: o da ofensa de Deus. Domingos estava oprimido e acabrunhado, não sabendo como evitar o encontro projetado.

Deus inspirou-o a proceder do seguinte modo: esperou-os fora da aula e, chamando cada um à parte, disse-lhes:

- Desde que persistis no vosso reprovável intento peço-vos que aceiteis, ao menos, uma condição.

- Aceitamo-la, contanto que não estorve o nosso desafio.

- Esse sujeito é um patife – replicou logo um deles – e não sossegarei enquanto não lhe rachar a cabeça.

Domingos tremia ao ouvir tão brutal discussão. No entanto, empenhado em evitar mal maior parou e disse:

- A condição que vos imponho não impede o desafio

- Qual é ela, então?

- Desejaria dizê-la só no lugar onde quereis bater-vos à pedrada.

- Estás a brincar conosco – replicou um deles – ou então procuras pôr-nos algum obstáculo...

- Estarei simplesmente ao vosso lado, e não vos enganarei: podeis ficar descansados.

- Vais talvez chamar alguém?...

- Deveria fazê-lo, mas não o faço. Irei eu só convosco. Mas sede fiéis à malavra dada.

Prometeram-lhe e dirigiram-se para os terrenos da Cittadella.

Era tal o ódio dos dois contendores, que só a muito custo Domingos pôde impedir que chegassem a vias de fato durante o breve trajeto.

Chegados ao local determinado, Domingos Sávio fez uma coisa em que ninguém, certamente, teria pensado. Deixou que se colocassem a certa distância, tendo cada um cinco pedras na mão, e falou-lhes assim:

- Antes de começar o desafio, quero que cumprais a condição que aceitastes.

E, tirando um pequeno Crucifixo, que trazia ao pescoço, ergueu-o numa das mãos, e acrescentou:

- Quero que cada um de vós ponha os olhos neste Crucifixo e que depois, atirando-me uma pedra, diga em voz alta estas palavras; "Jesus Cristo inocente morreu perdendo aos seus algozes, e eu, pecador, quero ofendê-Lo e vingá-me".

Dito isto, ajoelhou-se aos pés daquele que parecia mais furioso, dizendo:

- Atira a primeira pedra contra mim; anda, parta-me a cabeça...

O rapaz, que não esperava semelhante coisa, pôs-se a tremer e exclamou:

- Lá isso nunca! Nada tenho contra ti, e defender-te-ia se alguém quisesse maltratar-te.

Ouvindo isto, Domingos levantou-se, tomou uma atitude severa e disse-lhes:

- Então, estais ambos dispostos a afrontar até um perigo grave para me defender, a mim que sou uma criatura miserável, e não sois capazes de perdoar um pequenino insulto para salvar a vossa

alma, que custou o sangue ao Salvador, e que ides perder com o vosso pecado?

E calou-se, conservando sempre o Crucifixo erguido ao alto.

Perante tal espetáculo de coragem e de caridade, os dois rivais deram-se por vencidos.

"Naquele momento, escreveu um deles, fiquei sem fala. Um arrepio glacial percorreu-me o corpo e fiquei envergonhado por ter obrigado um amigo tão bom, como Domingos, a usar medidas extremas para impedir o nosso malvado desejo. Querendo dar-lhe, ao menos, um sinal de aprazimento, perdoei de todo o coração a quem me tinha ofendido, e pedi a Domingos que me indicasse um paciente e candoso sacerdote que me confessasse. E, desta maneira, depois de me ter reconciliado com o meu companheiro, reconciliei-me com Nosso Senhor a quem tinha ofendido gravemente com os meus desejos de vingança".

Exemplo este bem digno de ser imitado por todo o jovem cristão, sempre que lhe aconteça ver o seu semelhante ofendido ou injuriado e com desejos de se vingar.

Mas o que mais honrou o procedimento e a caridade de Domingos Sávio, foi o silêncio que guardou acerca do que se passara. E tudo teria caído no esquecimento se os que tomaram parte na ocorrência não a tivessem contado repetidas vezes.



Olhai para este crucifixo!

A ida e a volta da escola, que tão perigosas são para os jovens que vão dos povoados às grandes cidades, foram para o nosso Domingos uma boa ocasião de praticar a virtude. Exato no cumprimento das ordens dos seus superiores, ia à escola e voltava para casa, sem se distrair com o que se passava em volta dele. E também nunca deu ouvidos a coisas que não convinham a um rapaz cristão. Se lhe sucedia encontrar-se com companheiros turbulentos que faziam diabruras, atiravam pedras ou passavam por lugares suspeitos, logo se afastava deles.

Um dia convidaram-no para ir dar um passeio sem licença; noutra ocasião aconselharam-no a fazer "gazeta" para se irem divertir; mas Domingos, com boas maneiras, esquivou-se sempre a tais convites, respondendo-lhes:

- O melhor divertimento é o cumprimento dos deveres; se sois meus verdadeiros amigos, deveis ajudar-me a cumpri-los com exatidão e não a transgredi-los.

Apesar de tudo, teve a má sorte de tratar com alguns companheiros levianos; estes tanto o assediaram e apoquentaram, que esteve em risco de ser vítima deles. E já estava decidido a ir com eles e faltar às aulas. Mas, percebendo que seguia mau partido, sentiu grande remorso; chamou logo os miseráveis conselheiros e disse-lhes:

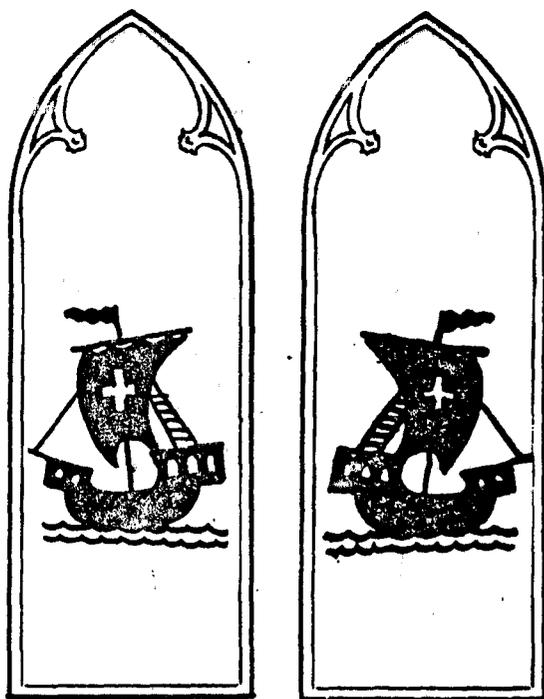
- Meus amigos, o nosso dever é ir para a aula e é o que eu vou fazer. Devemos evitar tudo o que desagrade a Deus e aos nossos superiores; estou arrependido do que fiz; se me derdes outra vez

semelhantes conselhos, deixarei de ser vosso amigo.

Todos perceberam e receberam bem o aviso; foram com ele para a escola e nunca mais procuraram desviá-lo do cumprimento dos seus deveres.

No fim do ano, devido ao seu bom comportamento e especial aplicação ao estudo, passou com muito boas notas para a classe imediata. No princípio do terceiro ano, porém, a saúde de Domingos estava um pouco abalada, e por isso achou-se conveniente deixar-lhe fazer o curso particular nesta casa do Oratório, de maneira a ter com ele os necessários cuidados no descanso, no estudo e durante os recreios.

No primeiro ano de humanidades, parecendo melhor de saúde, foi confiado ao professor Padre Mateus Picco. Este professor tinha já ouvido falar muitas vezes dos dotes que exornavam o maravilhoso rapaz; por isso o recebeu de graça na sua escola, que passava por ser a melhor da cidade.



Nobre decisão

Feita esta breve referência aos estudos de latim, vamos agora falar da sua deliberação de se santificar.

Havia seis meses que Domingos entrara no Oratório, quando, um dia, se fez lá um sermão sobre o modo de nos tornarmos santos. O pregador deteve-se, especialmente, a desenvolver três pontos que fizeram funda impressão no espírito de Domingos, a saber: é vontade de Deus que todos nos santifiquemos; é muito fácil conseguir este intento; será copiosamente premiado no céu quem conseguir tornar-se santo. Este sermão foi como que uma centelha que abrasou o seu coração no amor de Deus. Durante alguns dias nada disse, mas estava menos alegre que de costume. Os companheiros notaram-no, como o havia notado eu. Julgando que isso fosse causado por novo incomodo de saúde, perguntei-lhe se estava doente.

Respondeu-me logo que não; que se sentia até muito bem.

- Que quer isso dizer?

- Quer dizer que sinto um grande desejo de me santificar. Não pensava que fosse tão fácil. Agora sei que posso tornar-me santo, estando alegre; quero sê-lo de fato, e sinto mesmo absoluta necessidade de o ser. Diga-me V.Rev.^a como devo proceder para conseguir isso.

Louvei o seu propósito, mas exortei-o a que não se inquietasse, porque no meio da agitação não se ouve a voz de Deus; era necessário que estivesse constante e moderadamente alegre. Aconselhei-o a ser perseverante no cumprimento dos seus deveres religiosos e escolares, e recomendei-lhe que não faltasse ao recreio e se divertisse com os seus companheiros.

Um dia disse-lhe que queria dar-lhe um presente, mas do seu gosto, e que o escolhesse ele mesmo.

- O presente que peço - respondeu prontamente - é que me ajude a fazer-me santo. Quero entregar-me inteiramente a Nosso Senhor para sempre, pois sinto-me grandemente inclinado a isso; e se não me fizer santo, perco tempo. Deus quer que eu me santifique: devo cumprir a Sua vontade.

Noutra ocasião o diretor quis dar um sinal de particular afeto aos seus alunos: a licença de pedirem por escrito o que quisessem. Podemos facilmente imaginar pedidos extravagantes e ridículos formulados por quase todos. Domingos Sávio, pegando num pedacinho de papel, escreveu estas palavras: Peço que me faça santo.

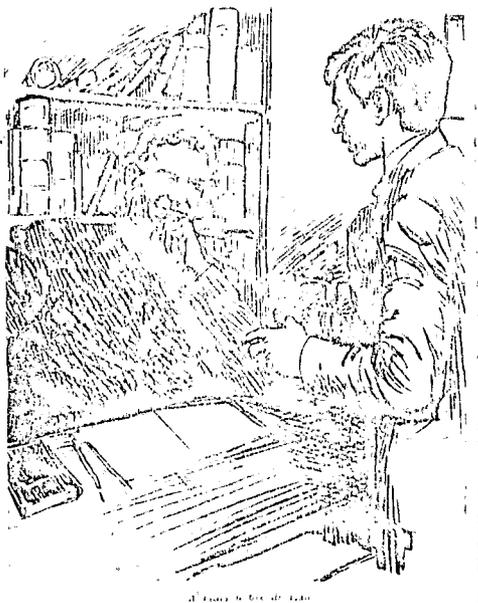
Um dia pus-me a explicar a etimologia de certas palavras.

- E Domingos - perguntou ele - que quer dizer?

- Domingos - respondi-lhe - quer dizer do Senhor.

- Ah! - exclamou logo - veja se não tenho razão de lhe pedir que me faça santo; até o nome diz que devo ser de Nosso Senhor! Quero e devo ser de Nosso Senhor. Hei de tornar-me santo e não serei feliz enquanto não o conseguir.

E esse ardente desejo, embora procedesse duma vida verdadeiramente de santo, ele o manifestava amiúde porque queria fazer ásperas penitências e passar longas horas em oração: e estes projetos eram-lhe expressamente proibidos pelo diretor, por serem incompatíveis com a sua idade, saúde e ocupações.



Zelo pela salvação das almas

Vista a sua firme resolução de santificar-se, a primeira coisa que se lhe aconselhou foi a de trabalhar por ganhar almas para Deus, pois não há no mundo coisa mais santa que cooperar para o bem das almas, por cuja salvação Jesus Cristo derramou até a última gota o seu precioso sangue.

Domingos compreendeu o alcance desse trabalho, e muitas vezes lhe ouviram dizer:

- Oh! Como seria feliz se pudesse ganhar para Deus todos os meus companheiros!

Aproveitava, pois, todas as ocasiões que se lhe deparassem para dar bons conselhos e avisar, caridosamente, os que transgrediam a santa Lei de Deus. O que sobretudo lhe causava grande horror e não pequeno prejuízo à saúde, era a blasfêmia, ou ouvir invocar o santo nome de Deus em vão. Se, porventura, ao transitar pela cidade ou por qualquer outra parte, lhe sucedesse ouvir semelhantes palavras, baixava penalizado a cabeça, e dizia com todo o respeito e devoção: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!".

Passando certo dia por uma praça da cidade, quem o acompanhava, viu-o tirar o chapéu ao proferir algumas palavras baixinho.

- Que estás tu a dizer? - perguntou-lhe.

- Não ouviste aquele carroceiro invocar o nome de Deus em vão? Se soubesse que se arrependia, iria ao seu encontro para o aconselhar a que não tornasse a falar assim; mas receio que ainda faça pior; limitei-me, pois, a tirar o chapéu e a dizer: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!". Faço isso com intenção de reparar, como me é possível, a injúria feita ao santo nome de Deus.

O companheiro admirou a virtude e a coragem de Domingos e, com grande satisfação, contou o episódio para honra do amigo e edificação de todos.

Ao voltar uma vez da escola, ouviu um homem de idade avançada proferir uma horrível blasfêmia. Estremeceu. Louvou Nosso Senhor no íntimo do seu coração e fez uma coisa deveras admirável. Em atitude respeitosa aproximou-se do blasfemo e perguntou-lhe se sabia indicar-lhe a casa do Oratório de S. Francisco de Sales. Perante modos tão corteses o carroceiro abrandou o rosto carregado, e respondeu-lhe que o desculpasse, mas que não sabia.

- Ah! Se o senhor não sabe o que lhe pergunto, poderá fazer-me outro favor?

- Da melhor vontade.

- Ficar-lhe-ia muito grato se, nos ímpetos de cólera, não blasfemasse o santo nome de Deus.

- Bravo! - respondeu-lhe o outro, como que agradecido e cheio de admiração: muito bem, tens razão. É um vício maldito que tenho. Quero vencê-lo, custe o que custar.

Certo dia, um rapazito dos seus nove anos pôs-se a altercar com outro companheiro perto da porta de casa, e, na briga, proferiu sem respeito o adorável nome de Jesus Cristo. Domingos, ao ouvir tal palavra, embora sentisse uma justa revolta em seu coração, meteu-se entre os dois contendores e com bons modos aquietou-os. Em seguida, chamando aquele que tinha pronunciado o nome de Deus em vão, disse-lhe:

- Anda, acompanha-me e verás que coisa linda...

As boas maneiras de Domingos induziram o pequeno a acompanhá-lo. Tomou-o pela mão, levou-o a uma igreja, ajoelhou-se com ele diante do altar e disse-lhe:

- Pede a Deus perdão da ofensa que lhe fizeste, pronunciando o teu santo nome sem o devido respeito.

E como o rapazito não sabia o ato de contrição, fê-lo repetir palavra por palavra. Depois, acrescentou:

- Repete o que te vou dizer, a fim de reparares a ofensa feita a Jesus Cristo e ao seu santo e adorável nome.

Lia de preferência a vida dos Santos que mais se tinham empenhado na salvação das almas. Falava com prazer dos missionários que se sacrificam em longínquas terras pelo bem das almas; e, não podendo enviar-lhes auxílios materiais, oferecia a Deus todos os dias algumas orações e uma vez por semana, pelo menos, fazia por eles a sagrada Comunhão.

Muitas vezes ouvi-o dizer: - "Quantas almas esperam o nosso auxílio na Inglaterra! Oh! Se tivesse força e virtude, iria eu mesmo, e, com a palavra e com o exemplo, havia de ganhá-las todas para Nosso Senhor!" Lamentava muitas vezes a sós consigo, e outras com os seus companheiros, o pouco zelo que muitos têm em instruir as crianças nas verdades da fé.

"Apenas seja seminarista, dizia, irei a Mondónio; reunirei todas as crianças debaixo dum coberto e hei de ensinar-lhes a Doutrina, contar-lhes muitos exemplos e contribuir para a sua santificação. Quantos meninos se desencaminham por não terem quem lhes ensine a Doutrina Cristã!"



E o que dizia, confirmava-o em seguida com fatos, pois comprazia-se, tanto quanto lho permitiam a idade e a instrução, em dar lições de Catecismo na Igreja do Oratório; e, se alguém necessitasse duma aula particular de Doutrina, dava-lhe a qualquer hora do dia e em qualquer dia da semana, com o único fito de poder falar de coisas espirituais e de lhe fazer conhecer a importância da salvação da alma.

Um dia um companheiro indiscreto tentou interrompê-lo, quando estava no recreio a contar um fato.

- Mas que tens tu com isso? - retorquiu o tal companheiro.

- Que tenho eu com isso? - respondeu Domingos. - Tenho muito, porque a alma dos meus companheiros foi remida pelo sangue de Jesus Cristo; tenho muito, porque somos todos irmãos, e como tais devemos amar-nos uns aos outros; tenho muito, porque Deus recomenda que nos ajudemos a salvar-nos uns aos outros; tenho muito porque, se chego a salvar uma alma, asseguro também a salvação da minha.

Esta solicitude pelo bem das almas não arrefecia no curto espaço de férias, que passava na casa paterna. Toda a estampa, medalha, crucifixo, livrinho ou outro objeto que ganhasse na aula ou no catecismo, punha-os de parte para dar quando estivesse em férias. Mais ainda: antes de deixar o Oratório, costumava pedir aos seus superiores alguns desses objetos para despertar a alegria entre os seus amigos, quando com eles jogasse.

Mal chegava à povoação, via-se logo rodeado de meninos da sua condição, uns mais pequenos, outros maiores; e todos tinham grande prazer e satisfação em brincar com ele. Domingos distribuía, então, os presentes que tinha trazido, obrigando-os, ao mesmo tempo, a estarem atentos às perguntas que lhes fazia, ora sobre catecismo, ora sobre os deveres particulares de cada um. Com estas boas maneiras conseguia habilmente levar alguns deles ao catecismo, á oração, à Missa e a outras práticas de religião. Contaram-me que gastou bastante tempo para ensinar um dos companheiros.

"Se chegares a fazer bem o sinal da Cruz - dizia Domingos - dou-te uma medalha; depois, recomendar-te-ei a um padre que te dará um lindo livro. Mas queria que o fizesses bem e que, ao dizeres as palavras, levasses a mão direita à testa, depois ao peito, ao ombro esquerdo e ao direito, terminando por unir as mãos e dizendo: Assim seja".

Desejava ardentemente que este sinal da nossa Redenção fosse sempre bem feito; e ele mesmo o fazia com freqüência na presença dos outros, como a convidá-los a que o imitassem.

Além de cumprir com a maior exatidão todos os deveres, mesmo os mais insignificantes, tomava conta de dois irmãozinhos, a quem ensinava a ler, escrever, e decorar o catecismo, fazendo-os rezar de manhã e à noite. Levava-os à igreja, dava-lhes água benta e mostrava-lhes como deviam fazer o sinal da Cruz. Em vez de passar o tempo a divertir-se, aproveitava-o para contar exemplos edificantes aos parentes ou a outros companheiros que o quisessem ouvir. Quando estava na sua terra, fazia todos os dias a visita ao SS.Sacramento e era grande o seu regozijo se conseguia levar algum dos companheiros. Pode-se dizer, pois, que não deixava perder uma só ocasião de fazer uma boa obra ou de dar um bom conselho, o que redundava sempre em proveito da sua alma.

PASTEUR E OS UNIVERSITÁRIOS



Louis Pasteur foi um dos maiores, senão o maior cientista do século XIX.

Suas descobertas contribuíram imensamente com a humanidade. Assim foi ele quem demonstrou, para tristeza de evolucionistas e assemelhados, a impossibilidade da geração espontânea. Foi ele quem elaborou o método da pasteurização do leite, dos vinhos e da cerveja.

Foi também ele quem começou a vacinar rebanhos de animais contra doenças que os dizimavam. Além disso foi Pasteur quem descobriu que muitas pessoas morriam em cirurgias porque os médicos não esterilizavam as mãos e ensinou-os a isso fazer com água e cal, sendo que a partir de então a limpeza das mãos dos médicos é medida que continua sendo feita, salvando-se inúmeras vítimas.



E, talvez, seu maior feito científico foi a vacina anti-rábica. A raiva condenava à morte atroz quem fosse, por exemplo, mordido por um cão raivoso. Com a descoberta de Pasteur, muitos salvaram suas vidas, e com a vacinação, os cães passaram a não ficar mais raivosos.

No fim de sua vida, o cientista era um nome consagrado pela França e pelo mundo. Foi então que aconteceu um singelo acontecimento que a seguir narramos. Voltava Pasteur para Paris, de trem, e, homem de Fé Católica robusta, rezava o seu Rosário. Foi quando alguns jovens universitários entraram no trem.

Vendo-o a rezar com seu terço nas mãos, aproximaram-se dele e começaram a debochar: "aonde já se viu, um velho a rezar o terço" diziam, ou "em plena época de triunfo da ciência já não se concebe uma cena dessas"; ou "certamente o senhor nada conhece das ciências" e, assim por diante.

Pasteur não se alterou e entabulou uma conversa com os jovens. Perguntou-lhe de onde eram, para onde iam, o que faziam. Diante da resposta que eram futuros cientistas levou a conversa para esse lado e assim chegaram a Paris. Antes de se despedirem disseram que gostariam de se rever. Pasteur logo aquiesceu em se reverem e deu-lhes o seu cartão de visita.

Ao verem de quem se tratava, os jovens ficaram estupefatos. O cientista lhes dera uma resposta curta e prática de como a ciência verdadeira conduz a Deus e de como a oração é importante, também para um grande cientista como ele.

A GLÓRIA DOS CATÓLICOS JAPONÊSES

Em meados do século XVI, São Francisco Xavier introduziu o Catolicismo no Japão.

Com o ardor de sua palavra, a força de seus argumentos, a grandeza de seus milagres, ele formou sólida cristandade naquele país.

Tão sólida que anos depois sofreu terrível perseguição, produziu centenas de mártires e mostrou coragem e virtude ímpares.

A fúria das perseguições à Igreja no Japão foi tal que os governantes julgavam haver acabado com o catolicismo naquela terra. Para que isso fosse mais efetivo, não ficou um padre vivo, fecharam-se os portos japoneses a navios de países católicos.

O Japão somente tinha um ponto de contato com o exterior: uma vez por ano, ao largo do mar, não em porto, eles recebiam um navio holandês, protestante, para eventuais compras. Isso durou de meados do século XVII até meados do século XIX, cerca de 250 anos.

No século XIX, o Japão, com restrições, abriu-se aos estrangeiros. E com isso vieram alguns católicos, alguns poucos padres. Foi então que ocorreu um dos mais fabulosos acontecimentos que conhecemos.

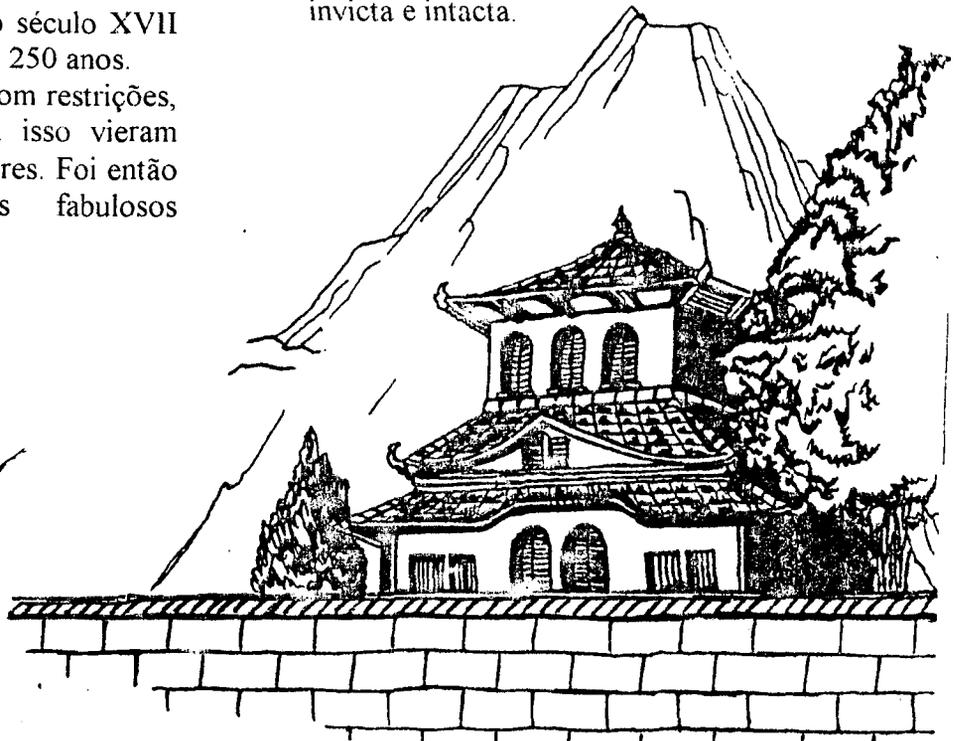
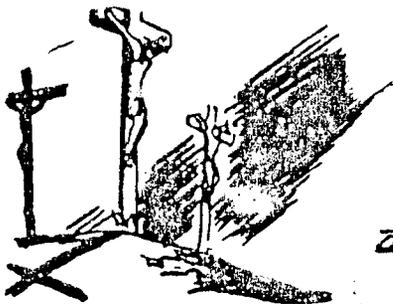
Estava um padre francês terminando sua capela e, quando arrumava a imagem de Nossa Senhora, uma senhora japonesa de cerca de 70 anos adentrou ao recinto. Sem demora fez de chofre três perguntas ao sacerdote: "o senhor é enviado do grande Pai de Roma?" O padre respondeu: "perfeitamente". "O senhor é casado?" Ele disse: "nós padres somos celibatários". "O senhor ama a Mãe de Deus?" "De todo o meu coração".

A senhora disse então que esses eram os sinais que os últimos padres mortos, duzentos anos antes, haviam dado para saber da catolicidade de um padre. E nessa hora, ela que jamais havia entrado em uma igreja católica, fez genuflexão e disse ao padre: "o meu coração é semelhante ao vosso".

Contou ao padre que eram mais de 50.000 católicos escondidos. Disse que nesse tempo todo, eles se mantinham fiéis, apesar de somente receberem o batismo e o matrimônio. A alegria do padre foi imensa.

Infelizmente atualmente há pouquíssimos católicos dessa têmpera. Católicos como os japoneses que resistiram a perseguições, às contínuas ameaças, hoje abraçam o mundo moderno, abrem-se às paixões e vícios e infelizmente perdem a Fé.

É preciso que tenhamos católicos como a senhora japonesa e seus irmãos japoneses na Fé que mantenham a chama de nossa Religião invicta e intacta.



SACRIFÍCIOS HUMANOS

Na antiga Cartago, bem na entrada do porto, havia uma enorme estátua de Baal. Tinha cerca de 40 metros de altura, era toda de bronze, oca por dentro.

De dentro dela saíam as chamas de enorme fogueira as chamas de enorme fogueira que com o vento marítimo davam ao todo uma impressão estarrecedora.

Por ocasião das calamidades as mães cartaginesas subiam as escadas laterais ao ídolo e depositavam suas crianças nas mãos de Baal e eram devoradas pelo fogo.

Que horror! Dirá alguém.

Pois bem, em nossos dias a cena se repete. Em plena era da técnica, com todo o avanço da ciência, nos tempos da informática, crianças continuam assassinadas e devoradas pelo fogo.

É o que ocorre em milhares, em milhões de abortos que se praticam em todo mundo e também no Brasil. Sim, as crianças, cujas mães assassinas abortam, cujos médicos assassinos trucidam, são depois incineradas em grandes fornos. Ou então são usadas em fábricas de cosméticos para fabricar cremes.

Por que não gritamos, não lutamos, não bradamos e dizemos: basta! Parem de matar os pequeninos!

Nosso Senhor disse que deixassem vir a eles os pequeninos. Façamos com o que estiver a nosso alcance que nenhuma criança volte a ser morta em um aborto e façamos que seja ela batizada, seja de Nosso Senhor.

Façamos algo. Pelo menos rezemos. Ao menos, tenhamos o ânimo de lutar contra o massacre dos inocentes.

E, lutemos.

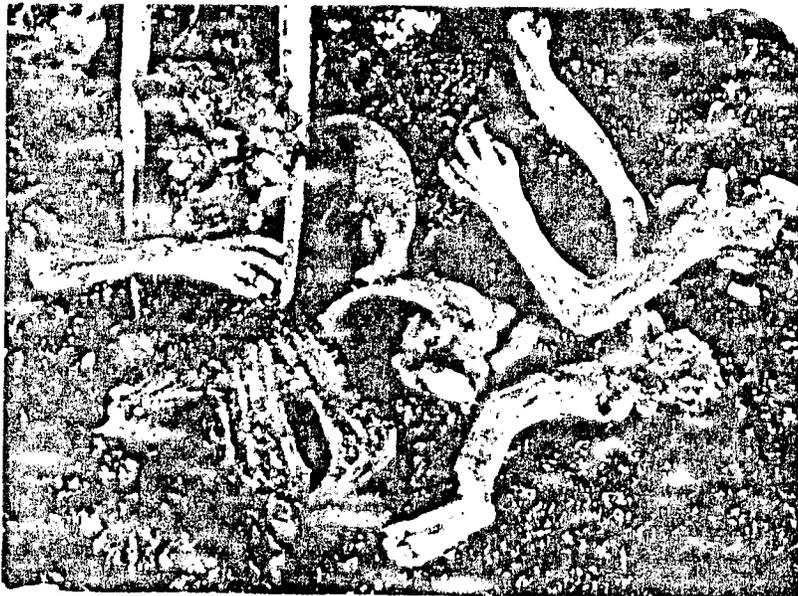


Que horror! Dizemos nós.

E, entretanto, quantos se calam, quantos se tornam coniventes com isso! Quantos também são cúmplices dessa matança que ocorre perto de nós!

É a mãe da jovem que ficou grávida e agora a estimula a abortar. É o namorado aproveitador que antes dizia à jovem que a amava e agora não quer nem saber da moça e a empurra para matar a criança. São enfim, tantos que se calam, tantos que silenciam, tantos que não lutam, que perguntamos quem se levantará em defesa das inocentes crianças?

Por que não eu que aqui escrevo? Por que não você leitor, leitora?



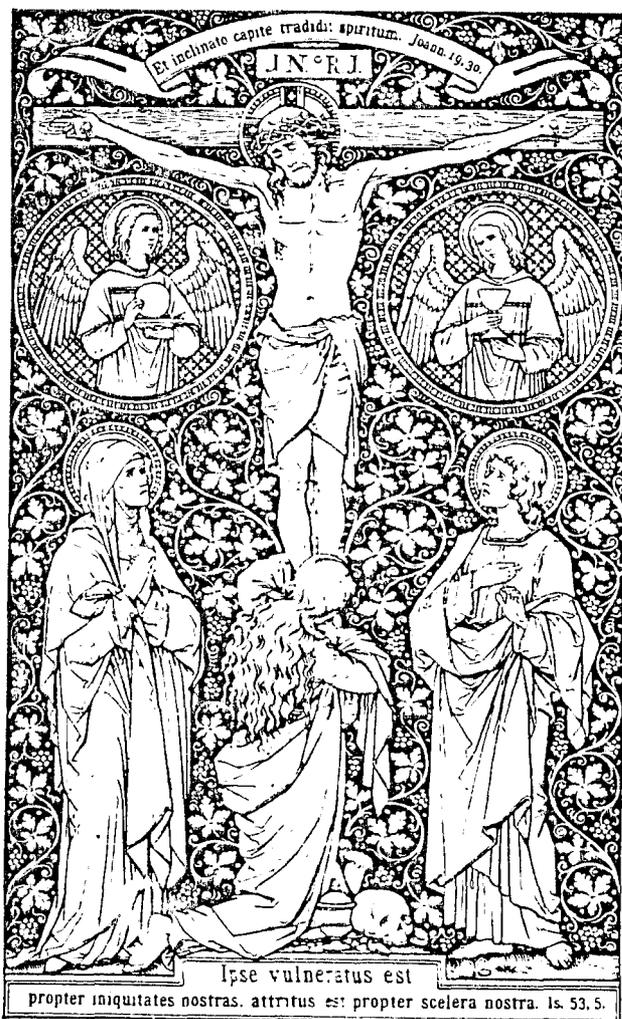
DA CARIDADE PARA COM OS PECADORES

Santo Afonso M. de Ligório

As provas mais excelentes de amor são as que têm por fim o bem espiritual do próximo. Na mesma proporção de superioridade que está a alma ao corpo estão também os benefícios que visam a alma aos que se referem ao corpo, sendo, portanto, aqueles mais agradáveis a Deus. "Aos olhos de Deus tem uma alma maior valor que o mundo inteiro", diz S. Bernardo. Poderá então haver uma coisa mais sublime que trabalhar com Jesus Cristo na salvação das almas? Talvez diga: Eu não estou incumbido da cura das almas e deixo esse trabalho aos sacerdotes. Santo Agostinho responde-te: "Se amas em verdade a Deus, empregarás, certamente, todos os meios para ganhares teu próximo para o amor de Deus: quem converte um pecador, não só o salva, como também a si mesmo". E noutra parte, diz o mesmo Santo: "Se salvaste uma alma, predestinaste a tua própria".

Depois de Jônatas ter livrado os judeus, com grande perigo próprio, das mãos dos filisteus, foi condenado à morte por seu pai, porque, contra sua proibição, gastara um pouco de mel. O povo, porém, disse a Saul: "Pois então há de morrer Jônatas, que trouxe a salvação a Israel, e que nos livrou da morte?" (1 Rs 14, 45). E alcançaram-lhe o perdão. Todo o que conseguiu, por seus esforços, salvar uma alma, poderá esperar coisa semelhante na hora da morte. As almas salvas dirão a Jesus: "Quereis talvez lançar no inferno, Senhor, aquele que nos livrou dele?" E como Saul, em atenção à súplica do povo, suspendeu a pena de morte em favor de Jônatas, também o Senhor nos concederá seu perdão em razão das súplicas dessas almas salvas por nós. Os que trabalham na salvação das almas ouvirão, na hora da morte, o próprio Deus anunciar-lhes o descanso eterno: "De hoje em diante, que descansem de seus trabalhos, pois suas obras os seguirão" (Apoc 14, 13).

Que consolação e confiança não experimentaremos na hora da nossa morte, pensando que ganhamos uma alma para Deus. Como é doce o descanso depois do trabalho, será doce a morte para quem trabalhou para Deus. Quanto mais contribuiu um pecador por palavras e exemplos a arrancar as almas da escravidão do pecado, tanto mais depressa alcançará o perdão de seus próprios pecados, diz S. Gregório.



Quem é tão feliz de trabalhar na conversão dos pecadores, pode regozijar-se de ter um indício seguro de sua própria predestinação e de que seu nome está assinado no livro da vida. É o que deu a entender o Apóstolo, escrevendo aos que o coadjuvaram na conversão dos pecadores: "Rogo-te também, fiel companheiro, que ajudes àquelas pessoas que comigo trabalham no evangelho... cujos nomes estão no livro da vida" (Filip 4, 3).

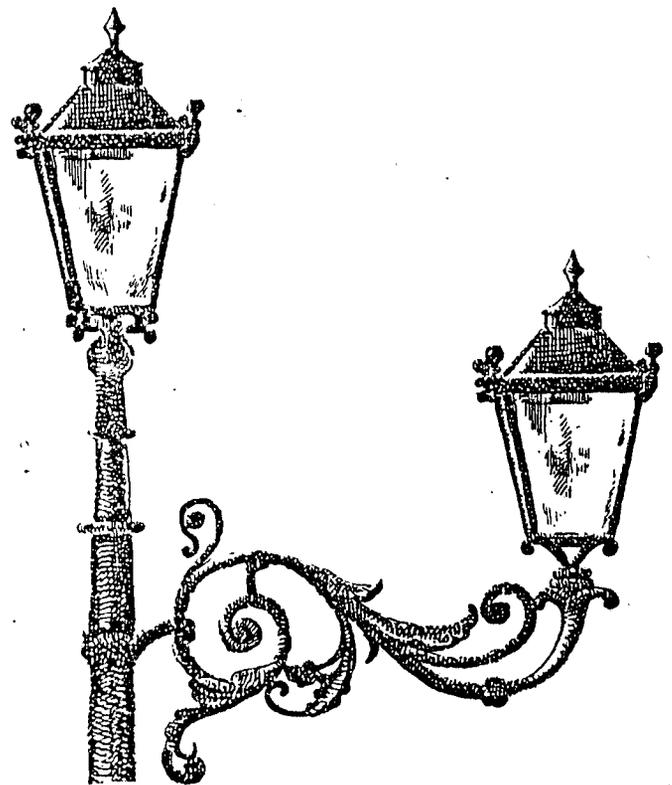


S. Paulo colocava uma confiança especial nos que convertera para Deus; estava inteiramente convencido que lhe trariam uma grande recompensa no céu: "Pois qual é a nossa esperança, ou nosso gozo, ou coroa de glória? Não sois vós porventura, vós, ante Nosso Senhor Jesus Cristo, na sua vinda?" (1 Tess 2, 19). S. Gregório diz que se adquirem tantas coroas quantas as almas que se ganham para Deus. No Cântico dos Cânticos se diz: "Vem do Líbano, esposa minha... serás coroada... das cavernas dos leões, dos montes dos leopardos" (Cant 4, 8). Esta promessa sublime se refere aos que se dedicam à conversão dos pecadores, pois as almas que, antes, se assemelhavam a animais ferozes e a monstros infernais, depois de sua conversão tornam-se agradáveis a Deus e, uma vez no céu, serão outras tantas pérolas que ornarão a coroa daqueles que as colocaram na vereda da virtude.

De outro lado, quem vê seu próximo lançar-se no precipício, diz S. Agostinho, irando-se, ou injuriando a seu irmão, e deixa de o repreender, merece maior castigo por seu silêncio que o outro por sua injúria. Não te desculpes com tua incapacidade em corrigir defeitos alheios, já que para isso não se requer tanta sabedoria como caridade, diz S. Crisóstomo. Corrige a teu próximo em tempo oportuno, com caridade e mansidão, e conseguirás o teu intento.

Se fores superior, é teu dever repreender; a caridade, porém, já exige que o faças todas as vezes que puderes esperar um feliz resultado.

Não seria cruel o que visse um pobre cego dirigir-se para um abismo e não o avisasse do perigo iminente de morte em que se acha? Muito mais cruel ainda é quem, podendo preservar seu irmão da morte eterna, deixa de o fazer. Se puderes, com fundamento, prever que tua admoestação não dará resultado, procura alguém que possa curar o mal, participando-lhe em segredo o que sabes. Não digas, porém: Isso não é comigo. Nisso não me intrometo. Foi essa a resposta de Caim: "Sou eu, talvez o guarda de meu irmão?" cada um, podendo está obrigado a preservar seu próximo da perdição eterna.



Quando se trata de auxiliar o próximo, em particular nas necessidades espirituais, é muito conforme à vontade de Deus, quando necessário, se deixarmos a própria oração, diz S. Filipe Néri. Querendo, uma vez, Santa Gertrudes fazer oração em vez dum ato de caridade que devia praticar, disse-lhe o Senhor: Dize-me, Gertrudes, o que mais preferes: desejas que eu te sirva ou queres servir-me? Se quiserdes chegar até Deus, esforçai-vos para não chegar sozinhos", diz S. Gregório (Hom. 6 in Evang.). E S. Agostinho diz semelhantemente (Enar. 2 in ps 33): "Se amais a Deus, atraí todos os homens a seu amor". Se, pois, amas ao Senhor, empenha-te em arrastar a seu amor todos os homens com quem convives, teus parentes, conhecidos e amigos.

Uma alma devota pode santificar muitas almas por suas conversas e bom exemplo, podendo também, sem escrúpulos, fazer seus exercícios de piedade com a intenção de excitar os outros a imitá-la. Isso não é orgulho ou vã glória, pois as obras, que não têm o cunho de esquisitas, mas são comumente praticadas por todos que aspiram à perfeição, devem ser feitas com a intenção de edificar os outros e movê-los a um amor sincero para com Nosso Senhor. "Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus", diz Jesus Cristo (Mt 5, 6).

Quem, por conseguinte, se mostra piedoso, mortificado, amante da oração, comunga muitas vezes para dar bom exemplo, não pratica atos de vaidade, mas de caridade, muito agradáveis a Deus.

Procura tornar-te útil a todos, tanto quanto te for possível, por palavras, obras e, especialmente, orações. O divino Salvador prometeu ouvir a todo que orar: "Em verdade, em verdade vos digo, se pedirdes alguma coisa a meu Pai em meu nome, ele vo-lo dará" (Jô 16, 29). Muitos teólogos, que se apóiam na autoridade de S. Basílio, afirmam que essa promessa não vale só para os que pedem, como também para aqueles por quem se pede, contanto que estes não ponham obstáculos à súplica. Nunca deixes, pois, de recomendar a Deus, em tuas orações, na ação de graças depois da comunhão e na visita ao SS. Sacramento, os pobres pecadores, os infiéis, os hereges e todos os que vivem longe de Deus. Imensamente grata a Deus é a oração feita pelos pecadores. Nosso Senhor mesmo disse um dia a sóror Serafina de Capri: "Ajuda-me, minha filha, a salvar as almas por meio da oração". E a S. Maria Madalena de Pazzi: "Vê, Madalena, quantos cristãos se encontram nas mãos do demônio; se meus eleitos não os libertarem por suas orações, tornar-se-ão sua presa para todo o sempre".

S.O.S ajude o DESBRAVADOR

- ◆ Atravessamos dias difíceis e os gastos cresceram de forma assustadora. Só para dar um exemplo, o correio custava cerca de R\$ 200,00, hoje custa mais de R\$ 700,00.
- ◆ Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, "O Desbravador" deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- ◆ Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRADESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

Maravilhas

em Assis



Há muitos anos atrás, um amigo me contou um belo e maravilhoso feito.

Um amigo comum fora a Assis, na Itália, e lhe contara o seguinte: Algum tempo após a sua conversão, São Francisco de Assis foi acometido de fortíssimas tentações. Lutou contra elas, rezou, combateu-as, mas parecia que as tentações voltavam com mais força, após terem se afastado.

Foi então que o santo passou perto de um roseiral, cheio de espinhos agudos. Inspirado, São Francisco jogou-se no roseiral visando, com o incomodo e as feridas dos espinhos, afastar de vez com as tentações. Foi aí que aconteceu o sublime e o maravilhoso: as tentações cessaram e as rosas ficaram todas sem os espinhos.

E, até a época em que me contaram o fato, elas permaneciam sem espinhos, mas se fossem tiradas do roseiral de Assis, nasciam com espinhos em outro local.

O tempo passou. Quem me contou o fato foi recentemente até Assis, na Itália. Quando voltou, eu lhe perguntei: "então viu o roseiral?" Ele disse que sim e que o roseiral está lá ainda produzindo suas maravilhas, mas acrescentou que havia algo que não sabia mas agora tinha visto. Ele se referia a uma imagem de São Francisco em frente ao famoso roseiral e cuja foto acima reproduzimos.

Nessa imagem existe um cesto nos braços do santo, e desde a morte dele, há quase 800 anos, fica um casal de pombos no mencionado cesto. Chova, faça calor, faça frio, sempre um casal de pombos está ali a homenagear o grande "poverello" de Assis, São Francisco.